

A Acção Educativa do P.e Américo como Educador de Rua

Ernesto Candeias Martins
(Escola Superior de Educação de Castelo Branco)

0. QUESTÕES PRÉVIAS

Os vários quadrantes sociais, educativos, políticos e culturais mencionam com insistência nos seus discursos a preocupação e a sensibilidade pelo 'social', pela cidadania e civismo, constituindo uma consequência da democratização colectiva. Só as sociedades críticas se interrogam pela educação social e cívica. Trata-se de um fim educativo da competência das instituições sociais e, em particular, da escola.

Historicamente a educação social teve uma concepção sociologista da educação (Durkheim, Natorp, Barth, Kerschensteiner, Dewey, O. Willmann, etc.), como formação do indivíduo para a socialização (Pestalozzi com a educação da personalidade nos seus aspectos sociais; K. Mager, Diesterweg, Suchodolski, etc.), como educação cívica (Neill, Lapassade, Hameline, Dardelin, Kohlberg), como atenção sócio-pedagógica à infância e juventude em 'risco' e inadaptada, como forma educativa de trabalho social com jovens e adultos (Pestalozzi, João Bosco, Manjón, P.e Américo, educadores religiosos, filantropos ou beneméritos) e, ainda, como animação sócio-comunitária.

Quando falamos em educação social devemos analisar as características do meio social envol-

vente ao sujeito a intervir, já que essa educação é uma resposta à realidade social provocada pelo impacto das novas tecnologias (sociedade da informação e da comunicação), da transformação dos meios de sociabilidade tradicionais (familiar, profissional, cultural, valores, desestruturação dos movimentos sociais, etc.), meios de comunicação social, do consumo, das novas bolsas de pobreza, da exclusão social, da crise do Estado de Bem-estar, etc.

Na verdade a sociedade do bem-estar arrasta problemas de convivência que são oriundos da actual globalização da economia e dos TICs (tecnologias da informação e da comunicação), de economias submergidas ou periféricas, da redução da autonomia das políticas nacionais frente às estratégias económicas europeias, das limitações das políticas sociais, da aplicação de uma 'lógica do intercâmbio' em detrimento da 'lógica deontológica e legalista', dos avanços científicos e tecnológicos, o distanciamento dos países ricos dos chamados pobres (terceiro mundo), da mobilidade de trabalhadores, do fluxo de emigração, do aumento da violência e toxicod dependência, explosão demográfica (sub)urbana, o surgimento de movimentos sociais com tendências imprevistas, pobreza, exclusão social, etc. Compreendemos que o conceito de educação social é de difícil precisão e

definição, já que varia com a ideologia vigente, o paradigma teórico-prático, com as perspectivas profissionais, etc.

A educação social concebe-se como um processo de interacção (acto social e educativo) entre pessoas que livremente decidem executar as suas intencionalidades (Petrus Rotger, 1996, 1997; Sáez Carreras, 1993). De facto ela constitui o processo ou acção educativa que intenta adaptar os jovens em risco, inadaptados ou com problemáticas à vida social, sendo um instrumento compensador de melhoria da vida pessoal e social (Colom, 1987). É um agente de mudança social, um factor dinamizador da colectividade, através da acção educativa.

Efectivamente a educação social como fenómeno educativo sempre existiu, adquirindo a meados do séc. XX uma nova dimensão proveniente das mazelas da II Guerra Mundial (miséria, pobreza, orfandade, delinquência, crise económica e de valores, desemprego, etc.) tendo sido a resposta activa a essas situações através da implementação prática da educação especializada, da animação sociocultural, das novas correntes do desenvolvimento comunitário (conceitos como 'consciencialização', educação libertadora, cultura popular, etc.) [1].

Os contributos inovadores de alguns pedagogos (Pestalozzi, Natorp, Makarenko, Aichoru) e educadores religiosos (J. Bosco, P.e Oliveira, P.e Américo) com as crianças e os jovens inadaptados, unido às bolsas de pobreza (absoluta e relativa), à miséria, às dificuldades socioculturais de integração, à marginalização e à exclusão social, fazem aparecer em França, na década de 50, a figura do 'educador especializado' e do 'educador de rua', que actuando em meio aberto (espaços urbanos, na rua), realizam um verdadeiro trabalho social. A reconversão de umas figuras institucionais (asilos, reformatórios) e o aparecimento de outras figuras educativas extra-escolares (escutismo, monitores de acampamentos e ludotecas,

etc.), entrando na área da infância inadaptada, marginalizada, pré-delinquente e na animação sócio-comunitária (influência da 'Pedagogia do Oprimido' de P. Freire, à civilização do ócio surgida da corrente do Estado de Bem-estar, etc. [2]. Trataremos nesta nossa abordagem do que entendemos por 'educador de rua' ou de educador social e, especialmente a acção sócio-educativa do P.e Américo em prol da infância vadia, pobre e abandonada exercendo a sua intervenção em 'meio aberto' (a rua) das cidades de Coimbra, Porto e Lisboa.

1. EDUCADOR SOCIAL E EDUCADOR DE RUA

Primeiramente iremos explicar o que entendemos por 'educador' para assim podermos compreender o significado de 'educador social' e de 'educador de rua' ou 'educador especializado'. É educador todo o agente ou agência educativa que tem capacidades ou possibilidades para educar, formar ou orientar o homem/mulher, através de acções e/ou intervenções sobre o seu processo educativo. Os educadores sociais realizam um trabalho social, assistencial e educativo orientado a colectivos com problemáticas, como a delinquência, toxic dependência, marginalidade e inadaptação e, ainda, no campo da reinserção social e da atenção especializada na assistência pós-reclusão. Essas actividades relacionam-se com o trabalho social na área pedagógica, do mercado de trabalho e da animação sócio-comunitária. Designamos por 'educador social' todo o educador que realiza os seguintes aspectos (Colom, 1987; Martins, 1998, Sáez Carreras, 1993):

a.) – *Objectivos da intervenção*: atender os sujeitos inadaptados, em risco, os necessitados dos serviços sociais, a fim de que a acção educativa tenha uma dimensão sociológica, médico-assistencial e

psicológica; restabelecer as relações normais entre o sujeito e a comunidade (socialização); comprometer a família, as associações e a comunidade na reinserção social do sujeito com problemas anti-sociais e de exclusão; aumentar o nível sócio-económico e humano das pessoas residentes nos centros (sub)urbanos.

b.) – *Acções ou tarefas sócio-educativas*:

⇒ Promover mecanismos de socialização nas crianças, adolescentes e adultos recuperando-os num ambiente adequado as suas capacidades, a capacidade de participação e a integração social;

⇒ Proporcionar as competências sociais aos sujeitos em risco ou em situação problemática através da aprendizagem de virtudes, desenvolvimento de capacidades e valores, aquisição de habilidades, pelo acompanhamento e ajuda assistencial e socioeducativa;

⇒ Incutir nos sujeitos e/ou colectivos a intervenção de responsabilidades nos actos, na execução de tarefas, no trabalho, etc. gerando-lhes níveis de autoestima, autodisciplina e confiança no seu agir;

⇒ Agir e intervir social e educativamente sobre crianças, adolescentes e jovens inadaptados, marginalizados, delinquentes e desamparados, quer em 'meio aberto', quer institucionalmente programando acções de recuperação, reeducação e integração;

⇒ Transmitir e cultivar os valores essenciais para a convivência, amizade e relações interpessoais (socialização);

⇒ Possibilitar um conjunto de estímulos aos jovens de modo a formarem-se pessoal e socialmente para a vida, convertendo-os em cidadãos úteis;

⇒ Actuar como educador orientador, animador sociocultural e programador de actividades recreativas, lúdicas e desportivas.

c.) – *Funções*: ter um conhecimento prévio da realidade social (diagnóstico) onde há alterações do

comportamento social; planificar, gerir e avaliar as acções educativas nos serviços sociais; auxiliar e aconselhar os sujeitos no processo de reinserção para tomarem consciência da sua situação e corrigir os seus desvios comportamentais; intervenção nos meios (sub)urbanos e nas famílias com problemas sociais, de exclusão, culturais e assistenciais; estabelecer contactos com as instituições públicas e privadas destinadas à reeducação e ressocialização.

d.) – *Áreas de intervenção (campo)*: a rua é o espaço físico onde as normas sociais se difuminam; zonas suburbanas e urbanas de índice elevado de marginalização, de delinquência, emigração, de exclusão social, sujeitos 'sem abrigo', etc.; instituições públicas e privadas de educação especializada, de reeducação, etc.; famílias com diversas problemáticas de integração e de existência. Deste modo aquelas áreas abrangem: a inadaptação e marginalização social; a prevenção sócio-educativa dos marginalizados e delinquentes; a educação especial e especializada; o desenvolvimento local e comunitário; a educação para o ócio e o tempo livre; a animação sócio-comunitária; a educação permanente e de adultos; a formação ocupacional; a educação compensadora; educação para a terceira idade; a educação cívica e para a cidadania; educação para a paz; a prevenção e o tratamento da toxic dependência; a pedagogia dos meios de comunicação social; etc.

e.) – *Destinatários*: São todas as pessoas de qualquer idade com risco social de integração, inadaptados, pessoas com o 'Eu fragilizado', desempregados, emigrantes de outras culturas, (pré)delinquentes, prostituição, toxic dependentes, marginalizados, presidiários, sujeitos com anomalias comportamentais, etc. Assim, o educador social exerce acções socializadoras como as de animador, orientador, educador orientador e de

aconselhamento, companheiro, preceptor, terapêutico, etc. O educador atende e responde aos preceitos e necessidades que manifestam as crianças, os jovens e adultos com necessidades especiais.

3. INTERVENÇÃO DO EDUCADOR DE 'RUA'

Os antecedentes das acções do educador de rua encontramos-as nos ideais de Pestalozzi, de Natorp, na pedagogia de Paulo Freire (temática da 'consciencialização'), na pedagogia institucional francesa (conceito de auto-gestão, autogoverno), no movimento anti-psiquiátrico (Laeng, Cooper, Basaglia, etc.) contra as instituições totais (centros preventivos, prisões, reformatórios), movimento de educação popular, etc. e, ainda, por exemplo nas acções do P.e Américo (Casas do Gaiato).

O educador de rua, como profissional da educação especializada, realiza um trabalho de intervenção comunitária global, gerando as condições necessárias para prevenir e promover os sujeitos que se encontram nessas situações de inadaptação e marginalização, através da relação educativa em meio aberto (espaço de socialização). O seu trabalho social constitui um modelo alternativo ao da intervenção institucionalizada. Os problemas dos colectivos em risco tratam-se na própria realidade, sendo a comunidade o agente activo na resolução dos conflitos que nela se geram.

É no contexto comunitário onde o educador de rua em colaboração com os outros profissionais (equipas multi-profissionais) desenvolve e aplica programas integrados com diferentes intervenções. Mencionamos a título de exemplo as seguintes estratégias de acção sobre o indivíduo (actuações psicológicas, pedagógicas, terapêuticas, de diagnóstico, de orientação) e sobre o grupo (actividades ocupacionais e de tempo livre), incidência sobre a família e na escola (programas de apoio pedagógico), a nível do bairro e zonas (sub)urba-

nas, a nível do emprego (aconselhamento) e na comunidade.

Na área dos serviços sociais, do voluntariado social e de intervenção autárquica o educador de rua actua como catalisador entre os grupos de jovens proporcionando-lhes os meios preventivos e de promoção pessoal e social. Ao impregnar-se com a própria cultura desses colectivos torna-se num elemento activo nas reivindicações e necessidades. Na prática o sentido orientador das suas acções integram os seguintes elementos:

1.) – *Causas*. Damos como exemplo a degradação dos modos de vida urbana, a perda dos laços e vínculos culturais e sociais, no desemprego e emprego precário, nos problemas económicos familiares (pobreza relativa e pobreza absoluta), na crise da estrutura familiar e dos seus modelos, na proliferação das drogas e do narcotráfico, no aumento do consumo de álcool e de outros produtos, na falta de expectativas nos jovens, na falta de habitação digna, etc.

2.) – *Objectivos*. Mencionamos os objectivos: a nível individual (reeducação, acompanhamento, aconselhamento, orientação pessoal e escolar, reinserção social), a prevenção de comportamentos anti-sociais, de desvio social e de situações de violência (incluindo a escolar); e a nível colectivo (mudanças de lugar, os condicionalismos sociais e culturais, a integração das minorias, etc.)

3.) – *Meios*. Destacamos entre outros os meios referentes à: pedagogia das relações (promoção de amizades e da convivência); pedagogia da acção a nível individual (actividades de tempo livre, acções terapêuticas), de grupo (actividades lúdicas, recreativas, desportivas e terapêuticas, projectos, dinâmica de grupo), na escola (contacto com os professores e a comunidade escolar, incidência nos problemas do insucesso e o absentismo escolar), com a família (contacto e relações com os

pais dos sujeitos afectados), na comunidade promovendo a convivência e intervindo junto das instituições sociais (associações), no mercado de trabalho (aconselhamento e orientação na procura de emprego) e sobre a estrutura jurídica (tribunal de menores e da família, polícia, aconselhamento familiar); e pedagogia da dinamização e da liberdade.

4.) – *Fins*. Gerar no sujeito a intervir o sentido da responsabilidade, a auto-estima, a (auto)confiança, a solidariedade, os valores morais e o compromisso na sua transformação pessoal e social.

5. – *Funcionalidade pedagógica*. O educador de rua actua em meio aberto terá que ter em conta dois tipos de conhecimento:

* – *Conhecimento das situações*. Trata-se da compreensão dos fenómenos sociais que determinam o quotidiano das pessoas. Deverá relacionar a personalidade de cada um dos sujeitos com a realidade sociocultural e económica em que vive, de modo a compreender as situações de inadaptação e de desviação social em que se encontram (droga, álcool, delinquência, desemprego, abandono, delitos, etc. Além desta relação deverá calcular as consequências, as incidências do ambiente familiar e escolar naquelas situações referidas.

* – *Conhecimento da comunidade e da integração nela*. O educador deverá conhecer as zonas onde vivem os sujeitos a intervir, diagnosticando os seus problemas e carências, oferecendo-lhes alternativas e despertando-lhes uma consciência crítica perante a sua realidade e situação. Além disso, deverá promover a criação de espaços que sirvam para a realização de actividades e de orientação preventiva.

Efectivamente, as funções do educador de rua pretendem valorizar a situação sócio-educativa dos

sujeitos e realizar com eles actividades diversificadas, estabelecer estratégias educativas, elaborar diagnósticos e relatórios da sua intervenção, conhecer e valorizar os recursos da comunidade onde intervém (Colom, 1987: 136-141; Dominguez y otros, 1987; Ferran, 1978: 23-57; Guaran, 1987: 13-48; Quintana Cabanas, 1988: 429-431).

Os exemplos práticos dessa actividade podem ser os projectos de ludotecas, os programas de apoio educativo institucional (instituições de educação, reeducação e prisões), projectos recreativos e desportivos, acampamentos, projectos de animação comunitária, etc., que possibilitem a aquisição de valores e habilidades sociais de participação, de convivência e de comunicação nos sujeitos e grupos. As estratégias de intervenção devem ser diversificadas nos locais de emprego, com actividades complementares (excursões, acampamentos, festas, colónias de Verão, etc.) com a colaboração da família nos âmbitos da educação, da higiene, da prevenção de doenças, da organização doméstica, da sexualidade, da orientação pessoal, escolar e profissional, etc.

Em definitivo as funções básicas deste tipo de educador são de teor preventivo, curativo e de aconselhamento. É o tipo de sujeito ou grupo com necessidades especiais que tipificam os educadores sociais e, por isso, uns educadores dedicam-se à infância e juventude, outros aos adultos e terceira idade e, ainda outros aos marginalizados, toxicodependentes e presidiários.

3. O PADRE AMÉRICO: UM EXEMPLO DE EDUCADOR DE RUA

A primeira formulação que podemos fazer é se o P.e Américo (1887 -1956) foi um 'educador de rua', no contexto da sua época (década de 30 a 50), com as suas acções e intervenções junto da infância pobre, vadia, delinvente, abandonada e

necessitada, em meio aberto como a rua, nas zonas urbanas de Coimbra, Porto, Lisboa, etc. Podemos problematizar as várias respostas fundamentando-as no significado de 'educador da rua' e nas funções ou tarefas que esse educador realiza num determinado meio (rua, bairro, zonas urbanas e suburbanas) e com determinado tipo de indivíduos. Sendo assim, este tipo de educador realiza as suas intervenções como um 'trabalho social' em prol dos colectivos com problemas de integração e inadaptação.

A explicação sócio-pedagógica dessas funções, entendidas como 'trabalho social', são bem elucidativas na seguinte citação de A.J. Colom (1987: 134):

"[...] un trabajador social, cuyo marco de trabajo es fundamentalmente la calle, por ser este un ámbito esencial de socialización al que no llegan las instituciones. Su acción educadora va dirigida a los niños y jóvenes con problemas de inadaptación social con los que lleva un tratamiento a la vez personal y grupal. Es un adulto que sirve de punto de referencia e identificación al menor y es testigo de la realidad de éste. Su función es facilitarle los medios necesarios para que pueda tomar conciencia de sí mismo y de su situación en el entorno y atender sus demandas más urgentes a todos los niveles, utilizando para ello los recursos existentes en la comunidad. Es un punto de conexión entre los jóvenes inadaptados en la comunidad."

O campo de realidade desse educador é a 'rua' (lugar de socialização). As suas acções sócio-educativas estavam orientadas à infância e juventude (inadaptada, vadia, marginalizada), facilitando-lhes todos os meios educativos para a sua recuperação, reconversão moral e formação pessoal e social. Por isso, este educador de 'rua' é um educador social, cujo serviço social ou trabalho social se realiza na rua, no bairro e nas zonas (sub)urbanas. Trata-se de um educador que está em contacto directo com as crianças e jovens, sentindo os seus problemas, carências e necessidades.

Eis um texto eloquente da acção do P.e Américo, (1983: 13) : "Não te tenho visto nas ruas de

Coimbra; sabia que dormias por aqui [debaixo do arvoreda]; vim saber do que precisas". Esta era a preocupação sócio-educativa e assistencial deste educador que actuava em 'meio - aberto'.

P.e Américo lidava com 'crianças' de cara suja e famintas nesses ambientes degradantes, ajudando-as (material e espiritualmente) e educando-as. No campo jurídico-social os magistrados tratavam-nas como 'crianças' e não como pessoas com necessidades especiais, pois desconheciam como viviam: "Se toda a gente das cidades conhece o ardina da rua, de o ver nas ruas, poucos há que saibam aonde ele mora, muito menos como vive" (P.e Américo, 1983: 38).

Ele exerce como que a ponte entre o 'rapaz' e o seu 'meio' ou ambiente. As suas acções práticas, composta por um conjunto de elementos integradores pretendiam prevenir e inserir o rapaz na sociedade. Eis como intervinha o P.e Américo (1985: 227-228):



Figura 1 - P.e Américo em acção de rua.

"[...] ando nas ruas do Porto totalmente absorvido pelo pensamento de alimentar e educar estas crianças, eu ando mas é os recados deles: - Trouxe ?

Fala-se pr'ái tanto em educadores e em educar! Ele nos colégios. Ele nos seminários. Ele nas famílias. E não se fala igualmente da educação dos da rua, por antecipadamente se saber que são todos um bando de malcriados e sujos e teimosos e maus e peste. Quem pode aproximar-se ?! Sim. Muito se fala. Porém, se me fosse permitida uma palavrinha a tal respeito, eu havia de propor mais recoveiros e a servir e menos educadores a ensinar."

Este sentido de 'servir' e de 'recolher' implica uma dedicação e uma entrega do educador social nas suas intervenções sócio-educativas sobre aquela infância abandonada e marginalizada vivendo na rua. Não se trata de ensinar essas crianças, mas sim em detectar as suas carências e necessidades, educá-las com amor, fazer-lhes justiça, respeitando-as e defendendo-as nos seus direitos.

P.e Américo realizava um serviço social, uma acção social voluntária, de entrega total ('apostolado') e orientada àquela infância, cujo actividade se realizava num meio-aberto, como a 'rua' ou a 'viela', onde ela andava vagabundeando ao 'Deus dará' ou 'sem-eira-nem-beira' em ambientes promiscuos, propícios a imoralidades, à prostituição e à violência: "De lá têm vindo para as nossas casas (...) É a Viela. Os nossos rapazes, meus filhos, correm o perigo constante de voltar, e alguns, têm efectivamente voltado ao vômito (...) Ela fica ali mesmo à mão de semear." (P.e Américo, 1949: 13).

Ele como educador (pai) da rua conhecia esses ambientes degradantes e de vagabundagem: "Conhecemos todas as grandezas da rua. Ali tudo é grande. O Vício. A Miséria. O Abandono. Também nós, pela nossa missão, somos a pessoa indicada para ir buscar o rapaz próprio ao próprio lugar." (P.e Américo, 1986: 180). Aquele ambiente de socialização nos rapazes era de promiscuidade, de transgressões e desvio social. A 'rua' era o campo de acção em meio aberto do P.e Américo, onde realizava o seu 'trabalho social', tal como ele próprio nos escreve (P.e Américo 1983: 71):

"[...] A rua é o campo social onde mais eficazmente se pode trabalhar; ali passam todas as modalidades da miséria e da perversão das almas. O apóstolo das ruas descobre, no porte dos vândalos, tragédias de vidas, exactamente como artista enxuga belezas nos caminhos onde os mais passam sem darem fé de nada. O apóstolo das ruas é ele mesmo o inspirador, o criador, o realizador da sua arte."

A arte do 'educador de rua' era descobrir essas vidas errantes, dar-lhes amor e falar-lhes verdade, em confiança e com arte educativa "Trabalhamos sobretudo com e pela criança da rua, tão suja pela desgraça que se torna necessário vencer muita repugnância, antes de se lhes dar com a beleza". (P.e Américo, 1986: 14) humana que ela possuía no seu interior. Desses contactos directos com as crianças da 'rua' surge a ideia de retirá-los a esses ambientes e dar-lhes um ambiente propício, em família, em comunidade, com meios adequados, de modo a poderem recuperar-se e tomarem consciência da sua situação, adaptando-se e criando mecanismos de superação. Estas eram as suas funções de 'educador de rua': aproximar-se delas, conviver e dialogar com elas, ajudá-las (material e moralmente) e educá-las. Essas acções continham alguns elementos configuradores e às vezes críticos contra muitas das situações dessa infância, tais como:

- *Crítica aos sistemas de internato na época.* Reacção contra as instituições preventivas da época (reformatórios; asilos, colónias correcionais, prisões, internatos, etc.) que insistiam em demasia nas normas de intimidação, no regulamento ou estatutos, no uso de uniformes, na rígida burocracia; métodos não adequados a uma boa reeducação, e sem um acompanhamento no período de reinserção. O fundador da Obra da Rua propõe com as Casas e os Lares, um sistema organizacional em autogoverno familiar, na base do amor, da confiança, no exercício da liberdade, no sentido de responsabilidade nos actos e no trabalho (influxos do movimento da Escola Nova). Cria o primeiro lar de semi-liberdade no País para aconselhamento e acompanhamento à reinserção dos ex-internados dos reformatórios e das tutorias. Neste aspecto exerceu um papel de 'educador em meio aberto', em contacto directo com a infância abandonada, pobre, marginalizada e inadaptada.

- *Causas ou origens do estado da 'criança da rua'.* A degradação da família, a miséria e pobreza

absoluta (crises sociais e económicas, as Duas Guerras Mundiais), a exclusão social, a marginalidade, o analfabetismo infantil, os problemas sociais e o desemprego, a promiscuidade do ambiente familiar, as doenças sociais, a perda de valores humanos (solidariedade, amor, ...), falta de assistência social, a incultura, etc., eram problemáticas que causavam situações-limite nas classes mais desfavorecidas e que contribuíam para a origem da marginalização, abandono, inadaptação e tendência a delinquir de muitas crianças e jovens.

– *Objecto da acção social em 'meio aberto e (/sub)urbano'*. Inicialmente no meio (domicílio, rua, bairro, zona) onde viviam essas famílias pobres (famílias numerosas), depois na 'rua' com as crianças, acentuando medidas de prevenção e terapêuticas (por exemplo, a organização das Colónias de Campo no Verão e, depois, alugando uma casa em Coimbra para ajudar e aconselhar as crianças das Colónias o resto do ano);

– *Situações problemáticas dos garotos da rua*. As situações de abandono, dos 'em perigo moral', as situações de mendicidade, vagabundagem, orfanidade, inadaptação (social e moral), marginalidade e pré-delinquência foram por ele tratadas com medidas de prevenção e de 'reconversão' moral e educativa, criando as Casas do Gaiato;

– *Objectivos educativos no 'meio institucional'* (nas Casas e nos Lares do Gaiato): a nível individual e colectivo (em comunidade, 'aldeia educativa') os gaiatos, em contacto com o ambiente (natural e social), vão-se recuperando, (auto)educam-se para a vida (autonomia pessoal e social) e tomam gosto pelo trabalho;

– *Meios e ambientes educativos na 'aldeia educativa'*. A pedagogia do amor; a pedagogia do 'encontro' (relações pessoais, de convivência e de amizade); o sistema de 'autogoverno familiar' e a 'filosofia do comando' executada pelos 'chefes'; uma educação baseada no exercício da liber-

dade, da formação do sentido da responsabilidade e do desempenho de competências; pedagogia da acção através do 'trabalho', das actividades comunitárias e livres; pedagogia dinamizadora que vai desenvolvendo as capacidades e habilidades dos gaiatos, de modo a tomarem consciência dos seus actos e cultivarem os valores humanos;

– *As finalidades educativas*: o compromisso do gaiato em recuperar-se (reconversão interior) gradualmente, desenvolver um 'projecto de vida', de modo a alcançar a sua autonomia, a autorrealização e uma adequada formação pessoal e social na base dos valores.



Figura 2 - Intervenção material (alimentação, vestuário, assistência médica,...)

Com efeito, todas as suas funções de educador de rua estavam inerentes à tomada de consciência que finha da situação em que se encontravam muitas das crianças e das famílias pobres portuguesas. Por isso, no contacto com elas, compreendia a sua privação de ambiente familiar, da falta da mãe ou dos pais, da sua ilegitimidade (filho 'incógnito' ou ilegítimo) e das suas queixas (P.e Américo, 1939: 4). Desta forma, a sua acção prática de intervenção é sócio-educativa, psicossocial e/ou sócio-pedagógica, tal como o teor da sua *Obra da Rua*.

Uma das metodologias importantes que introduziu nas Casas do Gaiato foi, de facto, o ambiente familiar em 'autogoverno' em regime de 'portas abertas', a dinâmica comunitária (os gaiatos trabalham, actuam e decidem em grupo) que contribuía para o êxito das suas acções.

P.e Américo foi na verdade um 'educador de rua' ou um 'apóstolo da rua', segundo a sua própria terminologia]. Os quatro elementos básicos da sua intervenção nesse 'meio', a rua, eram: a ajuda material (alimentação, vestuário, assistência médica, etc.) e espiritual (moral), a educação como transmissão de valores (axiologia); a convivência e relações pessoais com as crianças na rua, pelo amor e confiança; e o diálogo (comunicação), a camaradagem, a companhia e compreensão dos seus problemas.

O nosso educador do social possuía um talento especial no trato com os 'rapazes da rua' no seu próprio meio e com as suas famílias. Tinha uma maneira de 'agir' ou actuar que levava ao 'acolhimento' e confiança desses rapazes. As suas experiências ao ar livre, desde a época de seminarista em algumas colónias para crianças, passando pelas Colónias de Campo para o 'Garoto da Baixa', que ele próprio organizou entre 1935 a 1939-1940, e com as Casas do Gaiato, levaram-no a centrar-se nas situações da vida real dessa infância, desenvolvendo uma vertente de educação ambiental útil à sua recuperação física, reconversão moral e social.

Em todas essas intervenções sempre mostrou naturalidade, sensibilidade, confiança, amor, amizade e respeito pelo 'garoto da rua', a par de uma verdadeira preocupação pelos seus estados de carência e situações problemáticas (familiares, sociais e educativas). Por tal facto, foi um "(...) defensor activo dos direitos da criança (...). A Sociedade deve pão e instrução aos filhos de ninguém, que por isso mesmo são os nossos filhos (...)" (P.e Américo, 1944: 1). De notar que, ele tratou-os como filhos, e eles reciprocamente chamaram-lhe 'pai' e às

Casas do Gaiato a sua 'casa', a casa de família. Por esta defesa acérrima pela criança abandonada, marginalizada e inadaptada, devemos incluí-lo na História da Educação em Portugal e, em particular, na História da Assistência à Infância neste século XX (âmbito da pedagogia social portuguesa).

A educação dos rapazes da rua só poderia ter êxito se o P.e Américo os retirasse dos seus ambientes naturais, em geral deficientes em termos familiares, morais, educativos, assistenciais, etc., e os colocasse em contacto directo com o meio físico-natural, os acolhesse num ambiente educativo adequado, em comunidade familiar (ambiente social, comunitário e familiar), em sistema de autogoverno com predomínio da educação não-formal. Esse ambiente vinculava-se ao tipo de sujeito de educação (gaiato), estabelecendo uma relação geradora de relações pessoais, de situações de convivência, de amor e de trabalho, que caracterizam as Casas do Gaiato de uma 'pedagogia activa', 'vivificadora' (aprender na e pela vida quotidiana), situacional e naturalista.

O ambiente ou meio envolvente, analisado no âmbito da teoria educativa, é para o P.e Américo um factor educativo determinante para a recuperação (física), para a reconversão interior (moral) e formação pessoal e social dos gaiatos. Esse enfoque é decisivo na vida quotidiana das Casas do Gaiato, para o seu sistema organizacional (autogoverno, pedagogia do trabalho, filosofia de comando, co-gestão, etc.), para o regime de 'portas-abertas' implementado e na utilização dos espaços diversificados.

Na verdade o 'ambiente' é para o fundador de O Gaiato o 'meio' envolvente à realidade humana do rapaz ('gaiato'), integrando um sistema de (sub)ambientes na dimensão social, físico-natural e educativa e/ou cultural, todos eles interrelacionados e envolvidos pela acção afectiva do educador. Este influi sobre a natureza humana, sobre a motricidade sensorial, o desenvolvimento educativo e

serve de terapêutica e de auto-orientação para o trabalho. A ambivalência do 'ambiente sobre a educação' do rapaz e do 'educativo sobre o ambiente' determina um ambientalismo pedagógico.

A MODO DE EPÍLOGO

A nossa análise sucinta sobre o educador social e em particular a do 'educador de rua', leva-nos admitir a relação entre a educação e a sociedade ('na', 'desde' e 'pela' sociedade). Deste modo os profissionais e voluntários que desenvolvem a pedagogia social ao campo da intervenção e acções assistenciais, sociais, educativos e culturais. O sentido prático do educador social é o de um animador e dinamizador capaz de promover processos de transformação social em contextos colaborativos. O espaço sócio-educativo onde exerce a sua acção compreende o escolar, o extra-escolar (educação não formal) e o comunitário. Em termos gerais e no âmbito da educação não formal, as funções do educador social relacionam-se com a educação especial, a reeducação, a orientação pessoal e profissional (aconselhamento) na reinserção social, a adaptação da pessoa, nas instituições escolares, na vida quotidiana das pessoas e com a formação profissional, a educação permanente, a extensão cultural e o mercado de trabalho. Assim, essas funções com as suas respectivas actividades unem-se à detecção (diagnóstico) das carências, problemáticas e deficiências dos sujeitos e da intervenção educativa em zonas específicas. As acções e as actividades sócio-educativas de muitos educadores sociais, cujo espaço de intervenção é o meio aberto (rua, bairro, zonas suburbanas, intervenção com grupos específicos, espaços comunitários, etc.), demonstram-nos que os objectivos pretendidos são a promoção e a integração da pessoa, a solidariedade, o sentido da responsabilidade, a convivência e as relações pes-

soais. Neste sentido a educação ministrada em 'meio aberto' é sinónimo de esperança (experiências a longo prazo), centraliza-se na amizade, na afectividade e nas aspirações individuais e sociais e, ainda, como superação das deficiências ou anomalias existentes. Paulo Freire designa por 'descodificação' ao referir-se à situação, à análise e à criatividade como capacidade construtiva do sujeito para conseguir outra realidade melhor. De facto o educador social e/ou o educador de rua deverá ser um profissional (formação específica) ou voluntário com conhecimentos sociais (meio onde vive o indivíduo, a família, a escola), pedagógicos (orientação, aconselhamento, relações, ajuda, confiança), psicológicos (personalidade do indivíduo) e culturais (grupo, comunidade), que possam modificar o sujeito e integrá-lo na sociedade. O actuar do P.e Américo na 'rua' foi um exercício concreto, real e simples. Ele agia, intervinha e educava voluntariamente na rua e desde a rua, constituindo esta o ambiente que causava nos rapazes comportamentos anti-sociais e delitivos. Daí que criou nas Casas do Gaiato um ambiente natural, em família e em autogoverno, como catalisador para conseguir os fins da própria *Obra da Rua*: fazer de cada rapaz um homem. A sua intervenção é mais local, no sentido de que as suas acções são concretas, quer em ambientes ou espaços sociais específicos, quer dirigida a sujeitos determinados (rapazes da rua), o que converte a sua pedagogia num sentido humanista, ambientalista, moralizadora e personalista. Todas as suas acções realizavam-se metodologicamente sobre o processo educativo dos rapazes através de um período de aproximação, de confiança, de consolidação utilizando o trabalho e, por último, o da personalização formação pessoal e social). Efectivamente o educador de rua intervém social e comunitariamente, de modo global, criando as condições necessárias para prevenir as inadaptações em coordenação com os recursos materiais e edu-

cativos que dispunha. As estratégias de acção (educativas, psicopedagógicas, terapêuticas, actividades ocupacionais e de tempo livre) que realiza são sobre o indivíduo e/ou o grupo e a família, na escola, a nível local (bairro) e no âmbito profissional (acompanhamento, aconselhamento). Podem ser exemplos dessa intervenção, os programas comunitários de prevenção da associabilidade da infância e da juventude com a implicação de toda a comunidade (modelos ecológicos e de pedagogia ambiental), a atenção especial às crianças desescolarizadas (absentismo), jovens em situações de risco e delitivas (delinquência, comportamentos anti-sociais), ambientes conflituos e carenciais, a integração de étnicas e minorias culturais, a municipalização e topologização da educação, etc. No âmbito da UE será preciso dar prioridade à satisfação das necessidades de infância e juventude, quer no aspecto político, jurídico e social, quer no aspecto educativo (educação especial) e cultural. Daí ser imprescindível profissionais e voluntários, com uma formação específica, que desempenhem acções no âmbito da educação social e da educação não formal em 'meio aberto' e institucional.



Figura 3 - Intervenção Espiritual e Educação Axiológica..

BIBLIOGRAFIA

- AMÉRICO (P.e) (1939). 'Sopa dos Pobres'. *Correio de Coimbra*, Ano XVIII, n.º 907 (16 de Dezembro), p.4.
- AMÉRICO, (P.e) (1944). 'Dos Direitos da Creança'. *O Gaiato*, Ano I, n.º 2 (19 de Março), 1.
- AMÉRICO (P. e) (1949). 'Casa do Gaiato do Porto'. *A Ordem*, Ano XXXVI, n.º 1874 (7 de Maio), p. 13.
- AMÉRICO (P.e) (1983). *Obra da Rua* (3.ª ed.). Paço de Sousa: Ed. da Casa do Gaiato.
- AMÉRICO (P.e) (1985). *Isto é a Casa do Gaiato*, 1.ª Vol. (3.ª ed.). Paço de Sousa: Ed. da Casa do Gaiato.
- AMÉRICO (P.e) (1986). *Notas da Quinzena*. Paço de Sousa: Ed. da Casa do Gaiato.
- ARMENGOL i SISCARES, C. (1993). *L' Educador social i la seva formació*. Barcelona: Ed. Claret.
- COLOM [Cañellas], A. J. y col.s (1983). 'La pedagogia social como modelo de intervención socioeducativa'. *Bordón*, 247 (Marzo/Abril), pp. 165-180.
- COLOM [Cañellas] (1987). 'El educador de calle'. A. J. Colom [Cañellas] y col.s, *Modelos de intervención socioeducativa* (pp. 134-153). Madrid: Narcea.
- COLOM [Cañellas], A. J. y col.s (1987). *Modelos de intervención socioeducativa*. Madrid: Narcea.
- DOMINGUEZ, P. y otros (1987). *Modelo de intervención del educador de calle*. Badajoz: Instituto Municipal de Bienestar Social.
- FERRAN, P. (1978). *La escuela de la Calle*. Madrid: Narcea.
- FOGELMAN, K. (1991). *Citizenship in schools*. London: David Fulton.
- GUERAN, F. (1987). *El educador de calle*. Barcelona: Rosselló.
- MARTINS, Ernesto C. (1995). 'Fundamentos de animação sócio-cultural no território ou comuni-

dade'. *Ler Educação*, n.º 16 (Jan. / Abril), pp. 87-128.

– MARTINS, Ernesto C. (1997). 'Padre Américo. Pedagogo social das crianças abandonadas e marginalizadas'. *O Ardina*, Ano L n.º 390 (Agosto/ Set.), pp. 1-2.

– MARTINS, Ernesto C. (1998). 'La existência de uma pedagogia social ou educação social em Portugal (séc.s XIX-XX)'. Justino Magalhães (org.), *Fazer e ensinar História da Educação*, (pp. 251-270). Braga: Universidade do Minho /Instituto de Educação e Psicologia.

– MARTINS, Ernesto C. (1999). 'Retalhos de vida dos gaiatos da Obra da Rua do P.e Américo'. *Conferência no IV Ciclo de conferências e seminários – Memórias e materiais de aprendizagem – o passado e o presente*. Organização do projecto Museológico sobre a Educação e Infância – Encontro com a História Oral (de 19 a 20 de Maio). Santarém: Escola Superior de Educação de santarém (Documento policopiado de 39 pág.s).

– PETRUS ROTGER, A. (1996). 'L' educació social al llinar del segle XXI'. *Temps d' Educació – Revista de la Divisió de Ciències de l'Educació* (Barcelona), n.º 15 (1.º semestre).

– PETRUS ROTGER, A. (1997). 'Concepto de educación social'. In A. Petrus Rotger (coord.), *Pedagogía Social*, (pp. 9-39). Barcelona: Ed. Ariel

– POMMIER, P. (dir.) (1993). *Formation des hommes et développement des territoires*. Paris: La Documentation Française.

– QUINTANA CABANAS, J. M.º (1988). *Pedagogía social*. Madrid: Dykinson.

– QUINTANA CABANAS, J. M.º (1992). 'La educación social en Europa'. In AA.VV., *Cuestiones actuales sobre educación*, (pp. 181-195). Madrid: UNED.

– RENOUIARD, J.M. (1992). *De l'enfant coupable a l'enfant inadapté*. Paris: Centurion.

– SÁEZ CARRERAS, J. (1995). *La formación y profesionalización de los educadores sociales*. Valencia: Nau Llibres.

– SÁEZ CARRERAS, J. (coord.) (1993). *El educador social*. Murcia: Publ. Univ. de Murcia.

– UCAR, X. (1992). *La animación sociocultural*. Barcelona: Ceac.

– VICCARO, G. & PIRAS, G. (dir.s) (1990). *Educazione delle comunità locali in Europa*. Napoli: Liguori Editore.

NOTAS:

[1] – A educação social, tal como hoje em dia é concebida na prática associa-se às noções de 'contexto', de 'comunidade', competência, integração, participação, prevenção, inserção, crítica, coordenação etc. De facto ampliou-se o campo de intervenção educador social à prática de intervenções preventivas e de promoção pessoal e social, através de uma atenção integrada e polivalente que pretende melhorar as condições de vida dos sujeitos ou grupos abrangidos pela intervenção ou acção sócio-educativa.

[2] – Há diferentes correntes que implicaram a evolução e a realização da animação sociocultural, tais como: a tradição do trabalho cultural na tentativa de 'democratizar a cultura', o trabalho social no contexto do estado de Bem-estar, alterando os esquemas de beneficência e de assistência social clássicos; os sectores de âmbito educativo como a educação de adultos, da terceira idade, a educação popular, a educação especializada para os inadaptados e marginalizados, a educação para o ócio e lazer, a educação hospitalar e prisional, os acampamentos, etc. (Armengol i Siscars, 1993; Martins, 1995).